



Ana Plácido: uma voz oprimida



1831-1895

- 
- ESCRITORA
 - COMPANHEIRA DE CAMILO CASTELO BRANCO
 - PROPRIETÁRIA DA CASA EM QUE HABITARAM COM OS FILHOS
- 



**Casa-Museu Camilo
São Miguel de Seide**





1850

CASAMENTO ARRANJADO COM MANUEL
PINHEIRO ALVES AOS 19 ANOS

1855

CONHECE CAMILO CASTELO
BRANCO E INICIAM UMA RELAÇÃO
AMOROSA

1858

NASCE O PRIMEIRO FILHO,
MANUEL

1859

MARIDO FORÇA-A A RECOLHER-SE
A UM CONVENTO



1860

É PRESA POR ADULTÉRIO NA CADEIA DA
RELAÇÃO DO PORTO

1861

ANA PLÁCIDO E CAMILO CASTELO BRANCO
SÃO ABSLOVIDOS

1863

MORRE MANUEL PINHEIRO ALVES E PASSAM A
VIVER NA CASA DE SÃO MIGUEL DE SEIDE

1888

CASAMENTO DE ANA PLÁCIDO E CAMILO



CARREIRA LITERÁRIA

- ESCREVE TEXTOS ORIGINAIS ENTRE 1859-1871:
 - POESIA
 - FOLHETINS
 - ARTIGOS DE CRÍTICA (SOB PSEUDÓNIMO)
 - COLECTÂNEA DE TEXTOS
 - ROMANCE
 - TRADUÇÕES



VOLUMES ORIGINAIS PUBLICADOS

LUZ COADA POR FERROS, 1863
(Colectânea)

HERANÇA DE LÁGRIMAS, 1871
(Romance)



PSEUDÓNIMOS

LOPO DE SOUZA

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS

COLABORAÇÃO EM PERIÓDICOS

- REVISTA CONTEMPORÂNEA DE PORTUGAL E BRASIL
- O ATENEU
- GAZETA LITERÁRIA DO PORTO
- A ESPERANÇA - SEMANÁRIO DE RECREIO LITERÁRIO

ENTRE OUTROS



TRADUÇÕES

- AMÉDÉE ACHARD , *COMO AS MULHERES SE PERDEM*, 1874
- VÍTOR CHERBULIEZ, *FEITIÇOS DA MULHER FEIA*, 1876
- TRADUZIU OUTROS TEXTOS, ENTRE OS QUAIS TEXTOS RELIGIOSOS QUE NÃO ASSINOU

LUZ COADA POR FERROS

- COLECTÂNEA DE TEXTOS DE TEOR FICCIONAL, MAS TAMBÉM AUTOBIOGRÁFICO

- TEMAS PRINCIPAIS RELACIONADOS COM A VIDA DAS MULHERES E PESSOAL:
 - JUVENTUDE FEMININA
 - CASAMENTO ARRANJADO
 - EGOCENTRISMO MASCULINO
 - APRISIONAMENTO
 - A MULHER E A ESCRITA

- VOLUME ESCRITO NA PRISÃO



HERANÇA DE LÁGRIMAS

- ROMANCE COM UMA COMPONENTE EPISTOLAR
- FAZ USO DE VÁRIAS TÉCNICAS DE NARRAÇÃO TÍPICAS DO ROMANTISMO
- TEMAS:
 - JUVENTUDE FEMININA
 - CASAMENTO ARRANJADO E A OPRESSÃO DA MULHER
 - EGOCENTRISMO E DOMINAÇÃO MASCULINOS
 - ADULTÉRIO FEMININO E SUAS INTERPRETAÇÕES
 - A VOZ FEMININA COMO EXEMPLO



**A ESCRITA E O CULTIVO DO
INTELECTO**



“MEDITAÇÕES”, *LUZ COADA POR FERROS*

“A vitória é minha.

Fraca porque sou mulher, pobre, oprimida pela inveja e pelo ódio, não hei-de sucumbir, ainda assim! Ampara-me a voz que me chora na harpa da poesia santa e verdadeira do coração.

Deste alto que eu ganhei com tanto denodo, sufocando os ímpetos vertiginosos da dor, contemplo o mundo, e como um grande espírito em frente das cinzas dum grande rei, cruzo as mãos no seio, e digo: «Só Deus é grande!».” (Plácido 1863, 101-102)





“MEDITAÇÕES”, *LUZ COADA POR FERROS*

“Fértil em criaturas estúpidas, egoístas, abjectas e invejosa é esta maioria que se esforça em espezinhar o ente superior, que o detesta porque o admira. De mim vingá-se ela dos arrojados da minha imaginosa fantasia chamando-me louca, rindo das minhas exaltações como ri das agonias incompreensíveis do meu martírio. [...] É saber repelir com senhoril despeito estas mil vespas que pairam no ar, zumbindo como mosquitos importunos. (...) Mulher sou hoje. Posso falar assim com a prematura velhice da experiência e da desgraça.” (Plácido 1863, 87-88)

“MEDITAÇÕES”, *LUZ COADA POR FERROS*

“No meio do caos, que me enluta o pensamento,
radia a luz, e como Pitágoras, comendo a sua
harmonia das esferas, entrego-me ao idealismo
vago e indefinido, e encontro um mito só meu.
Venço o primeiro escolho, contrapondo-lhe a rara
energia, o varonil esforço da minha ardente
imaginação e vontade.” (Plácido 1863, 90-91,
sublinhado nosso)





“MEDITAÇÕES”, *LUZ COADA POR FERROS*

“Essa luz compadecida convida-me a caminhar, apontando-me para um centro luminoso, cuja vista me torna febril.

É esta febre que as mulheres de Portugal apagam no regelo do coração, rebatendo assim o estímulo mais atraente da ambição da glória, a única que eu invejo e aprecio. [...] É preciso que esta inactividade tenha fim, é preciso que nos desliguemos de certas apreensões, procurando no livro e no estudo dos bons mestres um refrigerio para os tristonhos dias da velhice.” (Plácido 1863, 91)

“MEDITAÇÕES”, *LUZ COADA POR FERROS*

“Fecha-se-lhe esse santuário esplêndido, e ei-las aí sem prestígio, sem outro brilho nos fastos contemporâneos, senão o de boas governantes de casa, e boas mães de família. A sua missão mais nobre é por certo esta, nem eu posso contestá-la. Folgo até que me extremem no meio delas. Mas essa essência preciosa absorve todas as faculdades grandiosas da mulher? Não. [...]

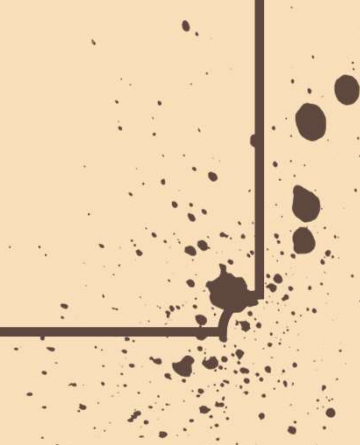
Não demos ao homem a fácil vitória da nossa inércia. Entremos desassombradas nesse trilho em que os mesmos espinhos nos fazem esquecer outras dores. É, afagando esta ideia, que me arrojo primeira no exemplo, e com a esperança de ser imitada e seguida.”
(Plácido 1863, 91-92)



O LADO DE CAMILO: O INÍCIO DO SILENCIAMENTO

“Ela se confessa arrependida de todos estes pecados [literários], e te pede que a não menciones, senão pelo pseudónimo. Isto é sério.”

Carta de Camilo a Luís Augusto Palmeirim



**A REPRESENTAÇÃO DA
MULHER**



O CASAMENTO ARRANJADO E O FIM DA INOCÊNCIA

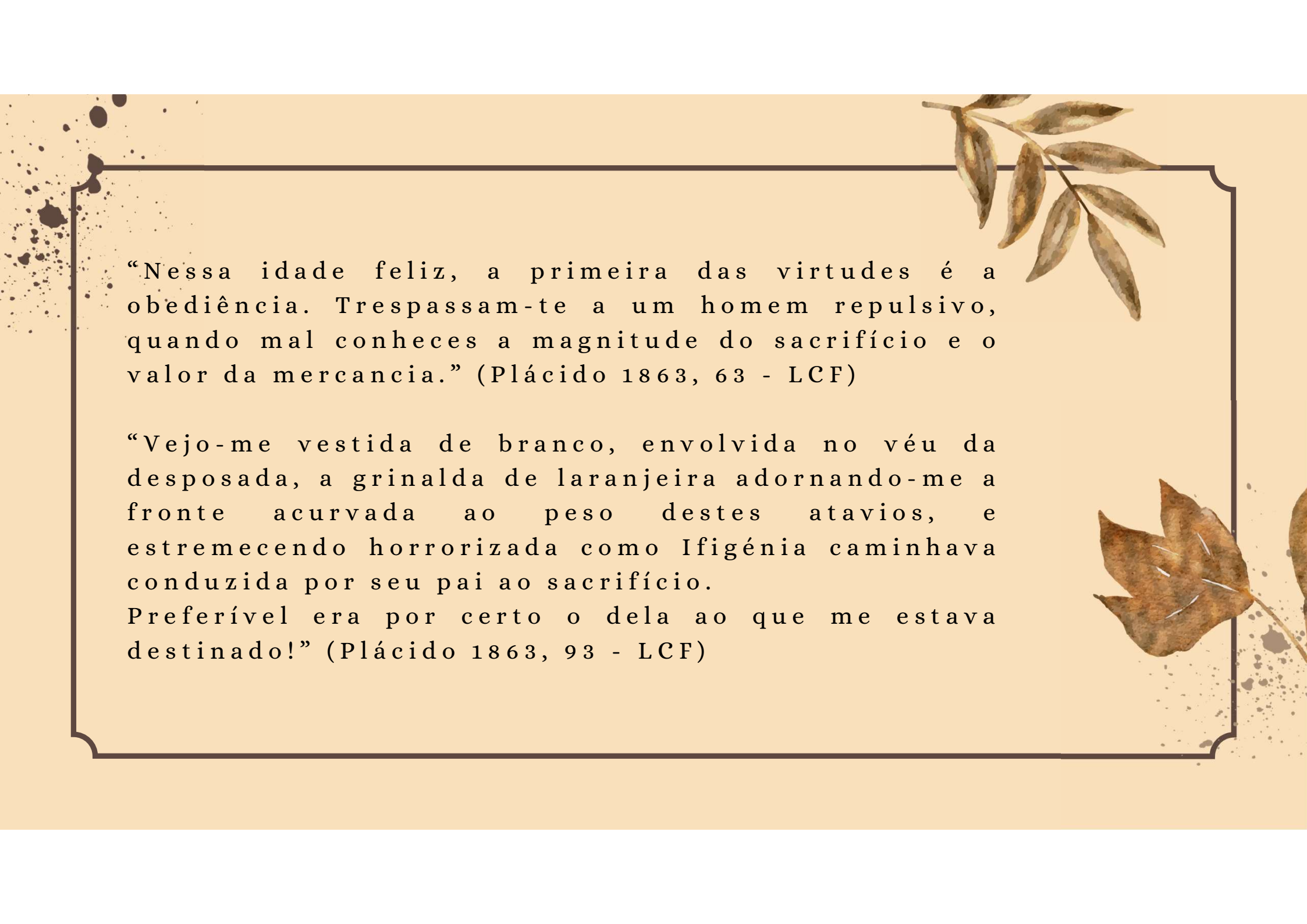
• **Abdicar de si:**

“Branca pensava que nascera para a vida do estudo, sem compreender que houvesse homem que lhe fizesse esquecer os seus livros e o seu gabinete, o santuário que poucos profanavam.” (Plácido 2019, 98-99 - HL).

• **Obediência e sacrifício:**

“A voz que falava era ainda, e mais poderosa neste momento, a que lhe dera sempre a lei; portanto, vencida a repugnância pelo dever e abafando os soluços que lhe quebravam o peito, anuiu prontamente e sem balbuciar à vontade desse pai tão idolatradamente querido, feliz ainda por poder dar-lhe nesta hora extrema um raio de consolação.” (Plácido 2019, 96 - HL)





“Nessa idade feliz, a primeira das virtudes é a obediência. Trespagam-te a um homem repulsivo, quando mal conheces a magnitude do sacrifício e o valor da mercancia.” (Plácido 1863, 63 - LCF)

“Vejo-me vestida de branco, envolvida no véu da desposada, a grinalda de laranjeira adornando-me a fronte acurvada ao peso destes atavios, e estremecendo horrorizada como Ifigénia caminhava conduzida por seu pai ao sacrifício. Preferível era por certo o dela ao que me estava destinado!” (Plácido 1863, 93 - LCF)

O ADULTÉRIO: FUGA E DESILUSÃO

• A traição do marido:

“Tudo mentira, Sofia!... Luís é de mais a mais uma destas criaturas incapazes de sentimento que não seja mau; deixa-me confessar-to. Aos primeiros bocejos de enfado, seguiu-se o aborrecimento, e após este o trato rude e insolente, a que eu correspondo com o silêncio do desprezo e do asco. Vê tu que viver este! (Plácido 1863, 28-29 - LCF)

Quem nos faz dar o primeiro passo, quem nos arrasta para o abismo da perdição, é o homem. (...) O tempo gasta a impressão dolorosa, chega a indiferença, e muitas vezes o desprezo; e, depois, que virtude há aí que resista repelida pelo coração mal afeito ao desprazer, ao tédio, e à monotonia da vida que só o cansaço do marido criou? (Plácido 1863, 32 - LCF)



“Ele por si era homem, podia traí-la quantas vezes a isso o levassem, as veleidades, os caprichos, e as ocasiões sem ter de dar contas à sociedade, nem macular o seu nome; mas ela! Branca d’Alvarães desonrar-se a si e aos seus, e ainda em cima ter a audácia de afrontá-lo com a desdenhosa cedência que lhe fazia de seus bens; isto era crime de tal ordem, que excitaria a indignação de toda aquela Lisboa, que por tanto tempo invocara vozes de fama, em respeito a suas virtudes e formosura.”
(Plácido 2019, 185 - HL)



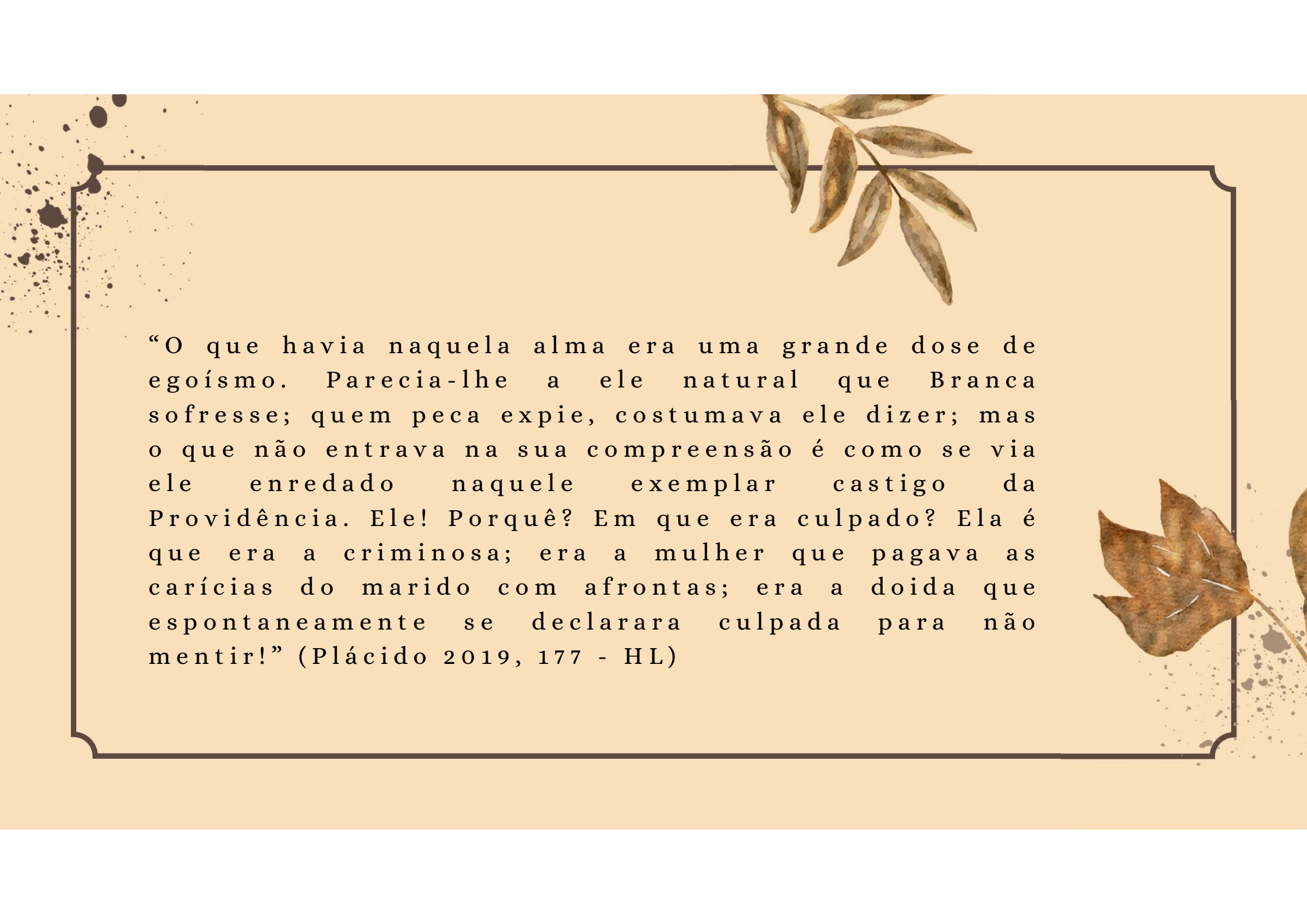


• **O amante ingrato**

“A transfiguração de Rodrigo foi tão súbita e instantânea, que ela chegou a pensar se não era uma ilusão sua, ou antes se a cegara o amor até ao momento em que se devia rasgar a venda e descobrir aleijões em vez de graças e formosura! O que no entanto estava bem provado é que se tinha enganado, que os seus cálculos estavam desfeitos e o futuro com aquele homem era incerto. [...] Que confrontos não fazia o coração da infeliz senhora, consternada de não cair na realidade, a tempo de salvar-se!” (Plácido 2019, 162 - HL)

“Perder-se por um amor cego e imperioso, parecera-lhe desculpável até então, senão já santificado pelas leis divinas; mas perder-se para satisfazer os caprichos brutais de um coração pervertido, trocar as alegrias e seguranças da virtude pelas inquietas e dolorosas incertezas do crime, cujo remate era receber o atroz desengano, sem o colorido fictício do fingimento e da dissimulação... isto é que era o extremo a que podia levar-se o desespero!” (Plácido 2019, 181 - HL)





“O que havia naquela alma era uma grande dose de egoísmo. Parecia-lhe a ele natural que Branca sofresse; quem peca expie, costumava ele dizer; mas o que não entrava na sua compreensão é como se via ele enredado naquele exemplar castigo da Providência. Ele! Porquê? Em que era culpado? Ela é que era a criminosa; era a mulher que pagava as carícias do marido com afrontas; era a doida que espontaneamente se declarara culpada para não mentir!” (Plácido 2019, 177 - HL)

A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA POSSÍVEL

“Agora que a sua experiência a desvendara, dizia ela lá para si, não me sujeitarei às dores da dependência. (...) Portanto, dever alguma coisa a esse homem é que ela já não podia. O trabalho não era desprezo. Sabia música, desenho e línguas; em qualquer parte, e debaixo de um nome suposto, encontraria um colégio ou casa particular, onde colhesse os meios necessários à sua sustentação.

«Mal pensaria meu pai», continuava ela o monólogo consigo mesma, «mal cuidaria ele que a sua Branca chegaria ao extremo de abençoar e colher os frutos de uma boa educação!» (Plácido 2019, 162-163 - HL)



HEROÍSMO E MARTÍRIO

“Repousaste, enfim, santa das amarguras! Alma regenerada pelas lágrimas, espírito purificado pela dor, e pela contrição!” (Plácido 2019, 195 - HL)

A ESCRITA E AS REDES FEMININAS

Dava-lhe cuidado o seu futuro, tremia de que ela não caísse no mesmo abismo que a tragara a ela, queria deixar-lhe um exemplo que a contivesse na marcha desordenada das paixões. Neste intuito, foi escrevendo nas horas mais aliviadas uma longa narração da sua vida cheia de reflexões e conselhos, e destinada a ser em tempo competente entregue a Diana. (Plácido 2019, 194 - HL)

“Oh! Se as mulheres (...) vissem a humilhação a que cheguei, depois de ter visto curvados ante mim os nomes mais ilustres de Portugal! Se elas daqui tirassem ao menos a sábia conclusão de que não há homem que sinta por nós mais do que um capricho passageiro, que o vento da tempestade leva longe, que todos são traidores quando juram, que não há um só que mereça uma saudade, uma lágrima sincera!”
(Plácido 2019, 179-180 - HL)



Mónica Ganhão

Centro de Estudos
Clássicos,
Universidade de Lisboa

mon.ganhao@gmail.com

